

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano

2



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano

2



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo



Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miraniilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Linguística, letras e artes e o complexo pensamento humano 2

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e o complexo pensamento humano
2 / Organizador Adaylson Wagner Sousa de
Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-789-2
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.892212012>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos,
Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E O COMPLEXO PENSAMENTO HUMANO 2**, coletânea de dezenove capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos linguísticos e estudos sobre leitura e ensino.

Estudos linguísticos traz análises sobre gramática, historiografia, enunciação, encenação discursiva, aquisição, linguagem, polidez linguística, multimodalidade textual, sociolinguística, direitos linguísticos, minorias, variação linguística, preposição e língua indígena.

São verificadas, em estudos sobre leitura e ensino, contribuições que versam para conteúdos como perspectiva dialógica, intersubjetividade, currículo, formação de professores, multiculturalismo, ensino híbrido, ensino de espanhol, aprendizagem de crianças e síndrome de down.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

REGNA BRASILLICA: CONTEXTO DA ARTE DE GRAMÁTICA DA LÍNGUA MAIS USADA NA COSTA DO BRASIL (1595) DE S. JOSÉ DE ANCHIETA, SJ (1534-1597)

Leonardo Ferreira Kaltner

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120121>

CAPÍTULO 2..... 9

ENTRE PASSADO E PRESENTE: ANÁLISE REFLEXIVA DA OBRA “RUMOS DA LINGUÍSTICA BRASILEIRA NO SÉCULO XXI: HISTORIOGRAFIA, GRAMÁTICA E ENSINO”

Walter Duarte Monteiro Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120122>

CAPÍTULO 3..... 14

ENUNCIÇÃO E ENCENAÇÃO DISCURSIVA NA ENTREVISTA DE FERNANDO HADDAD NAS ELEIÇÕES DE 2018

Aline Priscila Maciel de Moraes

Maysa de Pádua Teixeira Paulinelli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120123>

CAPÍTULO 4..... 28

A RELEVÂNCIA DO CRIAR COMO UM DIFERENCIAL PARA A AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Elizabeth Matilda Oliveira Williams

Moniki Aguiar Mozzer Denucci

Carlos Henrique Medeiros de Souza

Leonard Barreto Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120124>

CAPÍTULO 5..... 41

POLIDEZ LINGUÍSTICA EM RESPOSTAS A ELOGIOS NO FACEBOOK

Anáira Ramos Gomes

Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120125>

CAPÍTULO 6..... 60

MULTIMODALIDADE TEXTUAL: UM AVANÇO SOCIOLINGUÍSTICO NO PROCESSO COMUNICATIVO DIGITAL COM O USO DE *EMOJIS*, *GIFS* E FIGURINHAS

Alex Sandro Peixoto Medeiros

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120126>

CAPÍTULO 7..... 82

O DISCURSO EM LIBRAS: LÓCUS DE SIGNIFICADOS SOCIOESTILÍSTICOS

Aleilde Tavares da Silva

Zanado Pavão Sousa Mesquita
Maria da Guia Taveiro Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120127>

CAPÍTULO 8..... 96

LANGUAGE RIGHTS AND LINGUISTIC MINORITIES IN CENTRAL AND WESTERN BALKANS

Daniela-Carmen Stoica

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120128>

CAPÍTULO 9..... 107

A VARIÁVEL SEXO/GÊNERO EM PESQUISAS VARIACIONISTAS DE FALA ESLAVA

Luciane Trennephol da Costa

Letícia Michalowski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120129>

CAPÍTULO 10..... 119

TRANSFERÊNCIA DO USO DA PREPOSIÇÃO “DESDE” POR APRENDENTES HISPANOFALANTES

Maria Gessy Nunes de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201210>

CAPÍTULO 11..... 134

EL RESCATE DE LA LENGUA UCHUMATAQU DE IRUHITO URUS A PARTIR DE LOS SABERES DE LOS SABIOS INDIGENAS

María Sandra Esther Vedia Garay

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201211>

CAPÍTULO 12..... 145

A LEITURA NA PERSPECTIVA DIALÓGICA BAKHTINIANA: UMA FORMA DE INTERAÇÃO DISCURSIVA

Renata Faria Amaro da Silva da Rosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201212>

CAPÍTULO 13..... 155

UMA PROPOSTA DE LEITURA COMO PROCESSO DE INTERSUBJETIVIDADE

José Luiz Marques

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201213>

CAPÍTULO 14..... 164

CURRÍCULO EDUCACIONAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Lucimar Araujo Braga

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201214>

CAPÍTULO 15.....	174
O MULTICULTURALISMO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Rodrigo Augusto Kovalski	
Sérgio de Andrade	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201215	
CAPÍTULO 16.....	187
EXPERIMENTAÇÃO DA MODALIDADE DE ENSINO HÍBRIDO BUSCANDO A INSERÇÃO NO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Thainá de Deus Lima	
Vilmar do Nascimento Rocha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201216	
CAPÍTULO 17.....	197
ANDAIMENTO COM DICIONÁRIOS NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA PROPOSTA	
Laura Campos de Borba	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201217	
CAPÍTULO 18.....	211
O ENSINO DE ESPANHOL NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR PARA A ALFABETIZAÇÃO BILÍNGUE	
Daniele Oliveira André Magalhães	
Joseane de Souza Cortez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201218	
CAPÍTULO 19.....	218
INFLUÊNCIA DOS ESTÍMULOS NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN: RELATO DE CASO	
Regina Célia Roela	
Francinéia Aparecida Freitas da Silva	
Thaisa Fernanda Queiroz de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201219	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	230
ÍNDICE REMISSIVO.....	231

UMA PROPOSTA DE LEITURA COMO PROCESSO DE INTERSUBJETIVIDADE

Data de aceite: 01/11/2021

José Luiz Marques

Mestre em Educação – PUC-Campinas

RESUMO: Este artigo apresenta uma proposta de prática de leitura na escola por meio da intertextualidade de cenas da Literatura Brasileira. Para tanto, utiliza-se de três passagens de livros de obras modernistas, estabelecendo relações histórico-sociais entre elas, na perspectiva da construção do sujeito histórico e da intersubjetividade entre texto, leitura e leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, intertextualidade, intersubjetividade.

ABSTRACT: This article presents a proposal for reading practice at school through the intertextuality of scenes from Brazilian literature. For that, it uses three passages of works by modernist authors, establishing historical-social relations between them, in the perspective of the construction of the historical subject through reading and the intersubjectivity between text and reader.

KEYWORDS: Reading, intertextuality, intersubjectivity

INTRODUÇÃO

Duas questões bastante pertinentes iniciam este artigo: para que tem servido o ensino da Leitura diante do pouco valor dado a ela nos bancos escolares e fora deles

atualmente e até mesmo diante de outras Ciências do conhecimento que não as Ciências Humanas. E no sentido inverso: está em desuso o ensino de Leitura? Pode até ser que sim, ao menos em alguns aspectos particulares:

a- Como forma de entretenimento do grande público, auge alcançado com os folhetins do século XIX, tão ansiosamente aguardados, deglutidos e discutidos à maneira das telenovelas de hoje.

b- Como forma de aperfeiçoamento cultural, dada a funcionalidade, a automatização e a hiperespecialização de outros meios de conhecimentos postos à disposição do homem comum.

c- Como forma de constituição de uma visão particular do mundo, porque algumas manifestações que trabalham com a palavra tomada como matéria prima culturalmente simbólica têm discursos que atingem mais aprimoradamente aspectos das ansiedades humanas, como a Música, a Psicanálise, as Ciências Sociais, a Religião.

É de se perguntar, portanto, se o objetivo, por assim dizer, deste trabalho não seria o de provar a pulverização no campo do ensino da Leitura, a ineficácia de seus métodos na escola e a inocuidade das mensagens textuais escritas neste mundo tão departamentalizado na reflexão e no saber.

Aceita-se o risco da indagação, mas aqui se deseja provar ao contrário: que a Leitura está viva e sobreviverá, porque vem formando com seus contrapontos históricos e sociais um conceito grosso de inesperados efeitos, quer para os ouvidos mais comuns, quer para os ouvidos mais aguçados.

Tendo como fonte insubstituível a imaginação, ao escritor é dada a tarefa de espelhar o espírito humano ou o universo físico em seus aspectos comprováveis, desmontáveis. Não tendo apoio compulsório na verdade, tomada essa verdade entre identificação do objeto e do conceito, pode o autor do texto apegar-se, querendo, à verossimilhança.

Sem essas aberturas no entendimento entre as relações da Leitura e seus contrapontos, fica muito difícil apreciar e valorizar muitos dos aspectos contemporâneos que ainda causam certas repulsas em públicos tradicionalistas extremos e presos à concepção de que a Leitura é uma manifestação mais semiológica e estética do que uma manifestação social e histórica. Tais incompreensões, em face da natural dinâmica que preside a Leitura, chegam a desmerecer a capacidade humana de buscar novas formas de expressão, de imaginar, de ousar, de repensar e transformar a prática.

No caminho inverso ao da análise semiológica, no caminho da ousadia, que pressupõe a interpretação textual como prática promotora de relações humanas e para uma clareza maior do objetivo deste trabalho, discute-se a intertextualidade utilizando-se de três cenas literárias, extraídas de três obras diferentes, de diferentes autores, escritas em épocas diferentes e em diferentes contextos e que dão um instrumental mínimo de acesso para análises que elegem determinadas categorias sociais e as decompõem em interpretações que se utilizam de referenciais explícitos e implícitos nos textos, em uma perspectiva de abertura de entendimentos intertextuais entre a concepção do texto estético e a concepção do texto como um mosaico histórico-social, capaz de suscitar no sujeito leitor a sua própria identificação cultural.

Sobre o conceito de texto entendido neste artigo, expressam-se Kleimam e Moraes (1998, p. 62):

O texto (do latim textus, tecidos) é toda a construção cultural que adquire um significado devido a um sistema de códigos e convenções: um romance, uma palestra, um quadro, uma foto, uma tabela são atualizações desse sistema de significados, podendo ser interpretados como textos.

A intertextualidade é um recurso muito explorado na música, nos meios de comunicação e principalmente nas produções científicas acadêmicas, mas sempre esteve, em especial, na literatura e foi sistematizada pela teoria da literatura como lembra Meserani (1995, p. 57):

Intertextualidade é uma compreensão do léxico atual da teoria da literatura, criada pela semiótica Júlia Kristeva, para designar o fenômeno da relação dialógica entre textos. As primeiras formulações sobre esta relação, em termos de imanência do texto e não de influências marcadas extratextualmente, vêm de dois ensaios pioneiros de autores ligados ao formalismo russo: Dostoiévski e Gogol.

A leitura como intersubjetividade

Começa-se por um cenário de Graciliano Ramos, em *Vidas Secas* (2001, p.32-33), escrito em tempos de ditadura, na década de 1930, e que produz uma vivacidade perene:

Fabiano caiu de joelhos, repentinamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida, abriram a porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando (...) Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, nunca fora preso (...) Tinham-no realmente surrado e prendido. Mas era um caso tão esquisito que depois balançava a cabeça, não acreditando no acontecido, duvidando, apesar das machucaduras. (...) Se lhe tivessem dado um tempo, ele explicaria tudo direitinho (...) Não queria capacitar-se de que a malvadeza teria sido para ele. Havia engano, provavelmente o amarelo o confundira com outro. Não era senão isso.

Nessa cena, episódio em que o sertanejo Fabiano é preso por enfrentar o Soldado Amarelo, representação metafórica da ditadura de Getúlio Vargas, na década de 1930, em que, por falta de orientação e de conhecimento da realidade que o circunda se sujeita à repressão física e psicológica, repressões essas que o fazem acreditar ainda mais em sua pequenez como homem e como cidadão diante da arbitrariedade ocorrida em nome do poder e do respaldo da condição do soldado: a farda amarela.

Percebe-se, pela dramaticidade da cena, que o paradigma de Fabiano é o da acomodação, do consenso e o da resignação diante dos obstáculos que a vida lhe impõe, obstáculos que representam desafios a serem enfrentados, porém, por questões de hierarquia social, questões estruturais da sociedade e por questões de sua ignorância em relação a sua história e a sua cultura, a personagem se recolhe em sua insignificância.

Na Literatura, Fabiano é analisado à luz da ditadura dos anos de 1930: um tipo afastado da civilização, confuso, entrecortado, sem complementação, um tipo de homem quase selvagem, bastante forte e capaz de vencer os obstáculos que o meio lhe impõe.

Essa análise remonta um sujeito de raça inferior, submisso ao meio, potente diante da força bruta, mas impotente diante de si mesmo, porque não se reconhece como sujeito, não reconhece a sua liberdade de ser diferente e a sua liberdade para superar as contradições e os desafios da sua própria vida. Ser forte, ser bruto, são traços positivos para ele, um homem sertanejo, e esses traços foram encontrados também em um representante do mundo urbano, o soldado amarelo que, além de salvaguardar a autoridade que a farda lhe impõe, traz consigo esses mesmos traços: a força, a brutalidade e que, portanto, merece, na visão de Fabiano, o respeito e a consideração.

Fabiano adquire uma universalidade própria quando reduz a sua concepção de sujeito às forças que o meio ambiente lhe impõe e, resignado, adapta-se a esse meio, pois lhe é um obstáculo novo, do qual, comodamente, foge.

É nessa perspectiva de análise que este trabalho se remete a outra cena de outra

obra literária, escrita na década de 1940, pós-ditadura, época de grandes transformações sociais, época de democratização política. Essa outra cena foi extraída do livro de João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida Severina* (1999, p.201-202):

*Severino retirante/ deixe agora que lhe diga/ eu não sei bem a resposta/
da pergunta que fazia/ se não vale mais saltar/ fora da ponte da vida;/ nem
conheço essa resposta/ se quer mesmo que lhe diga /É difícil defender/ só
com palavras a vida / ainda mais quando ela é/ essa que se vê, severina/ mas
se responder não pude/ à pergunta que fazia/ ela , a vida , a respondeu/ com
sua presença viva/ E não há melhor resposta/ que o espetáculo da vida/ vê-
la desfiar seu fio/ que também se chama vida/ ver a fábrica que ela mesmo /
teimosamente fabrica / vê-la brotar como a pouco/ em nossa vida explodida , /
mesmo quando assim pequena/ a explosão como a ocorrida,/ mesmo quando é
uma explosão/ como a de a pouco, franzinza,/ mesmo quando é uma explosão/
de uma vida severina.*

Nessa outra cena, percebe-se uma situação semelhante a de Fabiano em *Vidas Secas*: um homem também sertanejo, “Severino de Maria” encontra-se em uma situação de desesperança com a vida e consigo mesmo, não consegue enfrentar a si mesmo para que possa enfrentar a vida e pensa em se suicidar, atirando-se da ponte do rio Capiberibe, em Recife, Pernambuco.

Evidentemente, essa análise pode remontar, mais uma vez, àquele indivíduo sujeito, preso ao consenso, à acomodação, mas há a grande diferença que emerge de uma concepção externa desse paradigma: o mestre Carpina. Essa personagem assim conhecida consegue impedir o suicídio de Severino, apresentando-lhe o seu recém-nascido filho: a explosão da vida, ainda que severina também, ainda que pequena, uma vida que se submeterá aos desafios da civilização, uma vida que nasce também em um contexto de miséria e de pobreza material, mas que nasce com persistência, coragem e determinação, mostrando a Severino o único recurso possível, o único fundamento para explicar o sentido da vida: a própria vida.

Esse texto traz em sua essência marcas sociais presentes também na cena de *Vidas Secas*: as categorias de esperança no futuro, no porvir e os questionamentos das personagens em relação às contradições de sua vida. A vida parece ser a explicação para as questões existenciais de ambas as personagens, questões essas que suscitam estudos que permitem descortinar melhor o porquê dessa vida severa.

De certa forma, a fala final do mestre Carpina é a resposta que Severino e Fabiano buscam, isto é, a afirmação vital das possibilidades de o homem superar os seus maiores problemas. Severino encontra nessa resposta: a fábrica que teimosamente fabrica, a possibilidade de perceber que, mesmo sujeita a múltiplas opressões externas, a vida encontra em si própria a dinâmica e a razão que a fazem prosseguir.

A implosão da vida, representada nessa cena pela acomodação de Severino e pela sua tentativa de suicídio, transforma-se agora na explosão da vida por meio de um recém-nascido que lhe salta aos olhos como uma espécie de superação de suas próprias

contradições existenciais. Evidentemente, a resposta de mestre Carpina a Severino e a sua reação diante dela também nos remete à concepção de emancipação.

Entende-se que a emancipação a ser conquistada pela leitura é aquela do indivíduo, aquela que elege, de um lado, a subjetividade individual como ponto de partida para se considerar o homem cidadão livre e, de outro lado, a subjetividade coletiva. Entende-se subjetividade individual como a capacidade do sujeito de se perceber em construção íntima e subjetividade coletiva, a inserção do pensamento individual em um pensamento universalizante, segundo Sousa Santos (2000, p. 242) *como ponto de chegada, ou seja, aquela em que o sujeito possa ser capaz de se emancipar e buscar a emancipação do conjunto da humanidade por meio da passagem do senso comum para o senso filosófico.*

Severino, um homem motivado por sua condição social, por sua origem, por seu tempo, de repente, como em um momento de epifania, emerge da concepção de uma subjetividade coletiva que o aprisiona, o coletivo de um cotidiano que o prende intimamente, a partir do seu interior, como o peso da vida, como a dificuldade de viver, ou “de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo” e rompe com a mediocridade do princípio de um sujeito determinado pelas condições sociais.

Assim, o questionamento sobre a emancipação do sujeito leitor pela leitura se remete ao pensamento universalizante e ao discurso polissêmico dela, que circula pelos âmbitos escolares. Essa universalização do pensamento em relação à emancipação pode conduzir à desconsideração daquele sujeito que se constrói historicamente e, por conseguinte, pode acabar se hipertrofiando de tal maneira na concepção de vítimas de um despotismo esclarecido, tão vigente no século XVIII, uma vez que se imprime em um discurso em nome da ordem e do progresso e deixa subliminares os interesses particulares a que esse discurso se agrega. Segundo Ruth Rocha (1996, p. 205), *despotismo significa “poder absoluto”. No século XVIII, esse regime foi adotado pelos reis na tentativa de preservar o seu poder ante o progresso de outros grupos sociais na luta pelo controle do estado.*

O conceito de emancipação, assumindo um caráter polissêmico, também passa a ser, obviamente, universal, homogeneizante e global e, evidentemente, capaz de atender a esses vários e diferentes interesses já discutidos no início do nosso trabalho. Tendo em vista o que é educável em Literatura e o entrecruzamento de textos como nuance interdisciplinar no cotidiano da sala de aula, elegemos aqui o conceito de sujeito histórico como possível ponto de referência. Entende-se aqui sujeito-histórico na concepção de Marx (1983) em que a estrutura (indivíduo) pode mudar (transformar) a superestrutura (coletivo). Posfácio à *Contribuição à Crítica da Economia Política*.

Nos textos em questão, a construção histórica do sujeito sertanejo foi discutida por meio da concepção de Euclides da Cunha, em *Os sertões*: “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”, fazendo relações, inclusive, com outras obras literárias que trabalham com o sujeito como matéria-prima: em Clarice Lispector, por exemplo, em *A hora da estrela*, na figura de Macabéa, o sertanejo é redefinido não como forte, mas como paciente e

meticuloso, como um sujeito que espera a hora e o momento certo, porque tem esperança nessa hora e nesse porvir.

Na concepção de análise sobre sujeito, é levantada a questão da migração nordestina e sua adaptação ao eixo urbano do sul do país, com o objetivo de focar essa classe social marginalizada, com pouca consciência política e que, por isso, pouco está preparada para o enfrentamento de si mesma diante das grandes contradições que o meio urbano lhe apresenta.

Politicamente, esse assunto aborda a importância de o sujeito perceber a história como um movimento contínuo na perspectiva de não só ocupar um lugar nela, mas também de ter esse lugar social e não possuir uma história pelo avesso, pela opacidade e pela inexpressividade de um simples ator histórico, observando, inclusive, que não possuir o que tradicionalmente se deseja não invalida o caminhar existencial de um sujeito. Entendemos sujeito aquele que atua e ator aquele que representa.

Gradativamente, o exercício da leitura acaba por ser um movimento que rejeita o pensamento mediocrizante, estimula a vitalidade intelectual e se torna contrário ao hábito instaurado da subserviência. Segundo Fazenda (2001, p.19-20):

a lógica da invenção, da descoberta, da pesquisa, da produção científica, porém gestada num ato de vontade, num desejo planejado e construído em liberdade (...) paradoxal por natureza. Dizemos paradoxal porque, ao ensinar a revisitar as rotinas, outorga a permissão para diversificá-las, colocá-las entre parênteses ou mesmo, superá-las.

Dando continuidade ao exercício de uma prática da leitura, que pode identificar aspectos mais próprios do conhecimento do homem, bem como o conhecimento analógico ou metafórico, numa vivência de possibilidade de se deixar conduzir por outras dimensões que não sejam apenas as concretas ou as racionais, este trabalho analisa a terceira cena a que proposta. Essa cena literária, extraída do conto *Miguilim*, de João Guimarães Rosa (2001, p.152) complementa a discussão sobre a identificação do sujeito com os textos que lê e, a partir dela, podem-se abrir mais horizontes de possibilidades de construções de novos conhecimentos sobre o que entender como sujeito histórico capaz de enxergar sua realidade e de superá-la na perspectiva de transformá-la :

“ (...) O doutor entendeu e achou graça. Tirou os óculos, pôs na cara de Miguilim. E Miguilim olhou para todos de cima do morro, aqui a casa, a cerca de feijão bravo, o céu, o curral, o quintal.; os olhos redondos e os vidros altos da manhã. Olhou mais longe, o gado pastando perto do brejo, florido de são-josés, como um algodão. O verde dos buritis, na primeira vereda. O Mutum era bonito. Olhou Mãitina que gostava de o ver de óculos, batia palmas-de-mão e gritava: Cena corinta! Olhou o redondo de pedrinhas debaixo do genipapeiro. Olhava mais era para mãe. Drelina era bonita. A Chica, o Tomezinho. Sorriu para o Tio Teréz... Tio Teréz, o senhor parece com o pai... Todos choravam O doutor limpou a goela e disse : - Não sei, mas quando tiro esses óculos, tão fortes, até meus olhos se enchem d ' água... Miguilim entregou os óculos a ele outra vez. Um soluçozinho veio. Dito e a Cuca-Pingo-de-Ouro. E o pai. Sempre

alegre, Miguilim. Sempre alegre, Miguilim. Nem sabia o que era alegria e tristeza Mãe o beijava. A Rosa punha-lhe doces de leites nas algibeiras, para a viagem. Papaco-o-paco falava, alto, falava”

Essa terceira cena assume um caráter metafórico o qual procura-se desvelar no sentido de relacioná-la à concepção de Leitura deste artigo: nesse cenário, Miguilim, uma criança criada no sertão de Minas Gerais, no Mutum, passa um grande período de tempo de sua infância sem entender o porquê das coisas da vida, porque nunca as distinguiu muito bem.

Elas sempre lhe pareceram obscuras e confusas, de pouca compreensão e, principalmente, de difícil interpretação. Perdeu seu irmão Dito a quem ele mais amava e que sempre lhe ensinara muitas coisas. Sozinho, precisou se entender melhor, se conhecer e conhecer os outros também. Miguilim se constrói a partir do exemplo de seu irmão Dito que, embora mais novo do que ele, tinha uma visão mais crítica e racional da realidade.

Sente que é hora de agir, que é hora de partir. Sozinho não consegue definir seu caminho, mas surge a personagem que vai conduzi-lo a sua autoanálise e a sua descoberta: o doutor que lhe coloca os óculos. Miguilim, de uma hora para outra, passa a enxergar sua casa, seus campos de infância, seus irmãos, sua mãe, seu tio, o Papaco-o-Paco, enfim, enxerga quem é ele mesmo, quem ele representa nessa sua história e na história daqueles que o rodeiam.

Num relance de magnífica sensibilidade, Miguilim lembra quando Dito dizia: “Sempre alegre, Miguilim. Sempre alegre, Miguilim”, como se aquelas visões tão límpidas e tão claras de sua realidade estivessem lhe reproduzindo a fala do pai e do Dito, como se elas estivessem repetindo que mesmo que tudo pareça triste lá fora, a gente precisa estar sempre alegre “aqui por dentro”.

Essa cena nos mostra que Miguilim nunca enxergou direito a realidade porque era míope e não sabia. Miopia essa que o prejudicava em entender e interpretar a vida, uma miopia que foi analisada também como metafórica: a miopia da ignorância, da mediocridade e da submissão. Relaciona-se, então, essa cena com o que Fazenda (2000, p.29) em seu relatório de qualificação para doutoramento elucida a respeito do movimento interdisciplinar do conhecimento e de como o sujeito pode construir essa realidade :

Tudo se inicia numa prospecção de um traçado livre num espaço etéreo, porém é o traçado que me incita o olhar para dentro do universo fechado, sagrado e desconhecido da cor, a desvendar seus mistérios, seus encantos e sua magia. Apalpo meu terreno, como um arquiteto que lança a primeira linha num papel, o 63 primeiro esboço de um projeto. Detenho-me nesse esforço fechado e circunscrito e, a cada cor a ser descoberta, um traçado; linhas sinuosas e retas, retas que se desfazem e múltiplas semi-retas, arcos não completos , apenas esboçados, linhas que me ascendem à transcendência dos lugares a conhecer e ao subterrâneo do que a humanidade toda que me antecedeu construiu. Jogo solto de linhas curvas e retas, rabiscos, esboços, como todo um arquiteto, conheço o terreno, piso nele, tasteando-o.

A autora menciona “conhecer seus mistérios”, “olhar para dentro do universo fechado”. Pois bem, Miguilim, mais do que Severino da cena 2 e muito mais do que Fabiano da cena 1, em um movimento de autoanálise, acaba enxergando mais limpidamente o mundo que o cerca e de maneira sensível, consegue se perceber porque passa a perceber a mãe, os irmãos e até mesmo, a sua origem social. Não há dúvidas de que essa terceira cena remete novamente ao conceito de emancipação do sujeito, porque suscita a possibilidade de interpretar Miguilim por meio de uma ponte de análise : “Severino de Maria”. Essa ponte é um elo entre elas, uma espécie de sujeito que se metamorfoseia a partir das características de Fabiano, o contraponto entre ambos, e vai-se tecendo numa espécie de mosaico que resulta em Miguilim.

Evidentemente, a obra de Guimarães Rosa foi escrita bem depois das outras duas obras, ou seja, na década de 1950, época em que a democratização permitiu aos escritores uma abordagem mais significativa e autêntica dos valores sociais e políticos que circulavam pelo Brasil nessa década.

O sujeito Miguilim é a dimensão histórica da qual este trabalho se pronuncia quando cita Marx, é a representação da intersubjetividade entre texto e leitores que veem além de seu tempo e seu espaço, instaurando o diálogo de textos entrecruzados na perspectiva da prática da leitura.

A emancipação possível que mais parece legitimada é a que se conquista por meio de trocas intersubjetivas, de visões que ultrapassam os limites da sala de aula e, portanto, os limites do currículo escolar fragmentado.

Segundo Góes (1997, p. 13-14),

(...) uma visão que se apóia na concepção de um sujeito interativo , que elabora conhecimentos sobre objetos, em processos necessariamente mediados pelo outro e constituídos pela linguagem, pelo funcionamento dialógico. Trata-se do modelo SSO’ , ancorado na abordagem histórico cultural em psicologia, em especial no pensamento de L.S. Vigotski.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa experiência com o trabalho de entrecruzamentos dessas três cenas literárias pode dar referenciais, na prática, como mais uma categoria de análise para entender o movimento intersubjetivo e a complexidade da leitura na escola.

Outrossim, este artigo procura elucidar evidências de que o exercício da leitura, pensado também sobre os seus condicionantes históricos e sociais, possibilita uma sintonia maior entre os agentes da comunicação e facilita a circulação instantânea e imediata da mensagem, pois está codificada a partir de sinais catalisadores dos contornos vigentes em sua conjuntura ou de seu contexto histórico.

Além disso, nota-se também que, a partir desses sinais catalisadores, aqui constituídos pela diferenciação das visões sobre sujeito-histórico a que estão submetidas

as três cenas em questão, os sujeitos do ensino e da aprendizagem podem organizar um estudo mais significativo a respeito do homem na contemporaneidade e, com base nele, abrirem outros estudos sobre seu tempo, seus espaços, suas condições sociais.

De acordo com Geraldi (1997, p. 97-98):

(...) é no conteúdo dos textos que se dão a ler que mais se explicitam os objetivos da educação. A questão que vai nos preocupar é a de como se concilia, na atividade escolar do ensino da língua portuguesa, a presença de textos – um objeto que aponta tanto para o fechamento como para a abertura de sentidos – com funções ideológicas de reprodução social?

É nessa proposta de trabalho com a Leitura de textos entrecruzados que pode residir o viço da prática pedagógica de uma leitura consistente de propriedade efetiva na participação e engajamento de seus agentes.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Introdução de Ricardo Oiticica, 2. ed. RJ: Record, 2000.
- FAZENDA, Carla M. A. *Intercor: interdisciplinaridade na cor – Relatório de qualificação para doutoramento*. SP: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, 2000.
- FAZENDA, Ivani C. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 6. ed, Campinas/SP: Papirus, 1994.
- GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 5. ed., Cascavel: ASSOETE, 1984.
- GOES, Maria Cecília R.de e SMOLKA, Ana Luisa B. (orgs.). *A significação nos espaços educacionais: interação social e subjetivação*. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- KHÉDE, Sonia S. (coord.). *Os contrapontos da literatura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- KLEIMAN, Ângela B.e MORAES, Sílvia E. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. RJ: Paz e Terra, 2008.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- MARX, Karl. “Manuscritos Econômico-Filosóficos”. In. *Os pensadores*, SP: Abril, 1978.
- MARX, Karl. *O Capital*. vol.I .SP: Abril-Cultural, 1983.
- MELLO E SOUZA, Antonio Candido. *Literatura e sociedade*. 8. ed. Queirós, Publifolha (Grandes nomes do pensamento brasileiro), 2010.
- MELLO NETO, João Cabral de. *Obras Completas*. Org. Marly Oliveira, RJ: Nova Aguilar, 1991.
- MESERANI, Samir. *O intertexto escolar*. SP: Cortez, 19.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 82.ed, SP: Record, 2001.
- ROCHA, Ruth. *Minidicionário*. Ilustrações de Maria L. Ferguson, SP: Scipione, 1996.
- SANTOS, Boaventura de S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 7. ed. SP: Cortez, 2000.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *A produção da leitura na escola: pesquisas X propostas*. 2. ed. SP: Ática, 2011, série Educação em Ação.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem de crianças 227

Aquisição 4, 28, 30, 40, 111, 119, 120, 121, 125, 131, 211, 214, 216, 218, 222, 223, 227

Artes 2, 3, 7, 134, 135

C

Currículo 5, 141, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 179, 182, 184, 186, 211, 215

D

Direitos linguísticos 96

E

Encenação discursiva 4, 14, 15, 27

Ensino 3, 4, 5, 6, 4, 9, 10, 12, 13, 60, 80, 119, 120, 121, 122, 124, 129, 132, 151, 153, 155, 163, 165, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 207, 208, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 221, 222, 224, 225, 227, 228, 230

Ensino de Espanhol 6, 197, 202, 207, 211, 212, 215

Ensino híbrido 4, 6, 10, 14, 15, 17, 18, 19, 22, 146, 147, 150, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

Enunciação 15

F

Formação de professores 5, 9, 164, 165, 166, 185, 186, 209, 230

G

Gramática 4, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 64, 81, 93, 120, 121, 122, 123, 124, 132, 133, 184, 210

H

Historiografia 4, 1, 7, 8, 9, 10, 11, 13

I

Intersubjetividade 5, 147, 148, 149, 150, 153, 155, 157, 162

L

Leitura 3, 5, 10, 13, 40, 145, 146, 147, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 168, 170, 171, 175, 184, 209, 224, 225, 226, 230

Letras 2, 3, 7, 9, 11, 14, 63, 66, 70, 82, 86, 107, 117, 118, 154, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 195, 210, 211, 213, 214, 228, 230

Linguagem 4, 1, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 22, 27, 28, 30, 32, 33, 39, 40, 41, 44, 49, 51, 54, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 73, 74, 76, 80, 81, 83, 84, 85, 89, 95, 111, 112, 114, 117, 121, 122, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 154, 162, 179, 186, 188, 197, 199, 202, 203, 204, 207, 208, 216, 217, 218, 219, 221, 223, 224, 225, 226, 228, 230

Língua portuguesa 5, 10, 41, 58, 65, 117, 119, 129, 132, 133, 163, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 184, 186, 210, 215, 216, 217, 230

Linguística 2, 3, 4, 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 27, 28, 30, 41, 43, 46, 47, 57, 58, 59, 63, 81, 82, 85, 95, 107, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 145, 148, 151, 185, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 211, 213, 214, 217, 230

M

Minorias 96, 230

Multiculturalismo 5, 174, 176, 177, 178, 182, 183, 184, 185, 186

Multimodalidade textual 4, 60, 74, 80

P

Pensamento humano 2, 3

Perspectiva dialógica 5, 145

Polidez linguística 4, 41, 43, 46, 58, 59

Preposição 5, 119, 120, 121, 127, 128, 129, 131, 205

S

Síndrome de down 6, 39, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228

Sociolinguística 2, 10, 11, 80, 82, 84, 86, 95, 107, 108, 109, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 122

V

Varição linguística 10, 82, 107, 109, 110, 113, 114, 115, 117

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano

2



Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano

2

